

# A expressividade do sufixo “-inho” na obra *Vidas secas*

(L’expressivité du suffixe “-inho” dans l’oeuvre *Vidas secas*)

Maria da Graça de Souza<sup>1</sup>

<sup>1</sup> DLCV-FFLCH - Universidade de São Paulo (USP)

profgraca@terra.com.br

**Résumé:** Cette étude a pour but d’analyser les formations en « -inho » employées par Graciliano Ramos dans *Vida secas*. Ce travail est basé sur la stylistique lexicale ou du mot qui, selon Martins (1989), s’intéresse aux aspects expressifs des mots liés à leurs composants morphologiques et sémantiques, sans pour autant laisser de côté les aspects syntaxiques et contextuels. D’après Martins, la dérivation suffixale est un processus d’une grande vitalité, non seulement en raison du grand nombre de suffixes de la langue, mais aussi en raison de la variété des connotations que beaucoup d’entre eux peuvent suggérer. Par conséquent, la sélectivité lexicale en « -inho » de l’ensemble de l’oeuvre sera analysée afin de vérifier l’expressivité de ce suffixe.

**Mots-clés:** expressivité; suffixe; lexique.

**Resumo:** Neste estudo temos por objetivo analisar, na obra *Vidas secas*, de Graciliano Ramos, as formações em -inho. Para isso o presente trabalho está fundamentado na estilística léxica ou da palavra que se ocupa, segundo Martins (1989), dos aspectos expressivos das palavras ligados aos seus componentes semânticos e morfológicos, sem, contudo, estarem desvinculados dos aspectos sintáticos e contextuais. Conforme Martins, a derivação sufixal é um processo de grande vitalidade, não só devido ao grande número de sufixos da língua, mas também pela variedade de conotações que muitos deles permitem sugerir. Nesse sentido, buscaremos analisar, em toda a obra, a seletividade lexical em -inho, verificando a expressividade desse sufixo.

**Palavras-Chave:** expressividade; sufixo; léxico.

## Introdução

Este trabalho é parte de um estudo mais amplo acerca da obra *Vidas secas*, de Graciliano Ramos, cujo objetivo é verificar as escolhas e criações lexicais que dão ao contexto expressividade e revelam a visão de mundo das personagens. Sabemos que a obra *Vidas secas* trata de uma família de retirantes nordestinos que foge da seca em condições sub-humanas e, devido à agressividade do meio, à subcondição de vida, as personagens vão passando por um processo de “animalização”, vivendo num mundo mais de sensações e reações instintivas.

De acordo com Melo (2005), dentre os romances de Graciliano Ramos, esse é o que melhor retrata a obsessão do escritor com a exatidão da linguagem, com a estrutura narrativa como forma de expressão de uma realidade. Nessa perspectiva, a linguagem escrita é tão concisa e dura quanto a história descrita. Entretanto, há, na referida obra, muitas palavras no diminutivo e, como sabemos, de acordo com Martins (1989), a função dos sufixos de diminutivo vai além do valor nocional – ideia de tamanho –, visto que esses sufixos também podem exprimir valor enfático; além de serem responsáveis pelo sentido avaliativo de um lexema, exprimindo tanto apreciação, carinho, delicadeza, ternura, humildade, cortesia; quanto deprecição, desdém, irritação, ironia, gozação, hipocrisia. Nesse

sentido, este trabalho – fundamentado nos postulados da estilística léxica/morfológica e nos estudos da semântica cognitiva, realizados por Silva (2006) – tem por objetivo analisar, na obra, a seletividade lexical em –inho, verificando a expressividade desse sufixo. Para a realização da pesquisa, fizemos, em toda a obra, um levantamento das palavras no diminutivo e constatamos que há aproximadamente 42 formações lexicais com sufixo -inho.

Martins (1989), ao tratar da estilística léxica ou da palavra, postula que há controvérsias entre os estudiosos da linguagem em precisar o conceito de léxico. Contudo, para a referida autora, léxico é o conjunto de palavras de uma língua que implica a divisão das palavras em lexicais e gramaticais. Nesse sentido, a estilística léxica ou da palavra tem como objeto de estudo os aspectos expressivos das palavras ligados aos componentes semânticos e morfológicos, sem relegar, todavia, os aspectos sintáticos e contextuais.

As palavras gramaticais (morfemas, gramemas, palavras-formas) são pouco numerosas no sistema, mas de altíssima frequência nos enunciados. Contudo, a significação dessas palavras só pode ser apreendida no contexto. Já as palavras lexicais, também chamadas de nocionais, reais, plenas etc., mesmo isoladas despertam em nossa mente uma representação (seres, ações). São elas: o substantivo, o adjetivo, os verbos de ação.

Conforme Martins (1989), as palavras apresentam tonalidades emotivas; e a tonalidade afetiva de uma palavra pode ser inerente ao próprio significado dela, ou pode resultar do seu uso em um contexto. Assim, as palavras podem ter um significado afetivo, ter valor evocativo, apresentar um sentido mais afastado do significado fundamental, ou seja, linguagem figurada; além de apresentar traço significativo de avaliação, devido, principalmente, à incorporação de um afixo (prefixo ou sufixo) ao lexema.

De acordo com a referida autora, a língua portuguesa apresenta uma grande riqueza em afixos responsáveis por uma derivação emotiva de vasta amplitude (MARTINS, 1989). Nesse sentido, Lapa (1973), ao tratar dos afixos, afirma que o estudo do sufixo é mais importante para a estilística, que o dos prefixos, visto que estes não apresentam “a descarga das paixões” que há nos sufixos. Nesse sentido, para o autor, “Os sentimentos que vulgarmente agitam a nossa alma e que resumem, afinal, no amor e na aversão que manifestamos de ordinário pelas coisas e pelas pessoas refletem-se perfeitamente em alguns dos sufixos” (LAPA, 1973, p. 84).

Martins (1989), ao tratar das possibilidades expressivas dos vários processos de formação lexical, afirma que a derivação sufixal é muito produtiva na língua portuguesa, devido não só ao grande número de sufixos da língua, mas também pela variedade de conotações que muitos deles permitem sugerir.

Conforme mencionamos acima, a autora enumera a expressividade afetiva dos sufixos diminutivos e afirma que o diminutivo está na fala de todos, de modo geral, e só não aparece com tonalidade afetiva nos textos escritos cuja meta é a objetividade e, nesse caso, deve-se empregar o diminutivo nocional, para exprimir a ideia de pequeno. Dentre os sufixos de diminutivo, segundo Martins (1989), o mais produtivo é o (-z)inho que não só aparece em formas de substantivo, adjetivo, como também aparece em palavras gramaticais – advérbios, pronomes. Assim, de acordo com a autora, o diminutivo, na maioria das vezes, acentua um valor afetivo do lexema, ou a atmosfera lírica de um enunciado.

Silva (2006) apresenta um estudo sobre o diminutivo, de acordo com os postulados da semântica cognitiva. Nessa perspectiva, o autor afirma que o diminutivo exprime o

tamanho pequeno de um objeto, mais especificamente um tamanho que é inferior ao normal, ou seja, ao protótipo da respectiva categoria. O autor identifica, entre as formações que exprimem esse núcleo, duas dimensões semânticas: uma que faz a distinção entre os diminutivos estritos ou diminuidores e os diminutivos explicativos; e outra dimensão que faz a distinção entre o sentido literal e o sentido figurado. Assim, ao tratar dos diminutivos diminuidores afirma que estes designam um objeto menor do que é referido pela palavra base, como ocorre, por exemplo, na formação lexical “mesinha”. Por sua vez, os diminutivos explicativos são tautológicos, ou seja, designam o mesmo ‘pequeno’ referente que o da base, como se pode observar nas palavras “passarinho e migalhinha”.

Quanto à segunda dimensão, que trata da distinção entre o sentido literal e o figurado, o autor afirma que, nas formações “cãozinho ou mesinha”, o diminutivo exprime a dimensão pequena das respectivas entidades físicas. Porém o significado espacial pode ser aplicado metaforicamente a outros domínios. Desse modo, o sentido de ‘breve duração’ pode ocorrer tanto entre diminutivos estritos como em “tempinho, corridinha, visitinha” quanto entre os diminutivos explicativos como em “momentinho, minutinho, instantezinho”. A aplicação metafórica pode ocorrer também no sentido de ‘pouca intensidade’ tanto no diminutivo estrito, “chuvinha, beijinho”, quanto no diminutivo explicativo “miminho, toquezinho”. O autor salienta ainda que, dependendo das formações, há diminuição não só da intensidade, como também do tempo da duração, podendo o diminutivo metaforicamente cruzar com domínios anteriores e exprimir ‘pouca quantidade’ “passinhos, bocadinho, nadinha”.

De acordo com Silva (2006), derivam – desse centro semântico do diminutivo que já contém extensões de ‘tamanho pequeno’ – dois conjuntos de sentidos, a saber: um em nível conotativo, compreendendo usos avaliativos e discursivo-pragmático; outro, mais periférico, no plano denotativo e constituído por formações quase sempre lexicalizadas.

Nessa perspectiva, Silva (2006), ao tratar da conotação afetiva e de outros usos avaliativos do diminutivo, afirma que este pode exprimir diferentes aspectos avaliativos quer positivos quer negativos. Além disso, os sentidos conotativos sobrepõem-se ou, às vezes, suprimem a denotação central. Salienta, ainda, que a avaliação típica expressa pelo diminutivo é de natureza afetiva. Nesse sentido, como avaliação positiva, o diminutivo pode ser manifestação de “carinho, ternura, amor, simpatia/empatia” – não só para com as pessoas, mas também em relação a outros seres animados e a coisas da esfera íntima das pessoas; pode ser “expressão de compaixão”; além de poder “atenuar e eufemizar condições miseráveis, deficiências e males, palavras grosseiras do domínio sexual, outros tabus e até insultos” (SILVA, 2006, p. 224).

Silva (2006) lembra que o diminutivo carinhoso e ternurento é mais usado por crianças e para com elas – seres pequenos, objeto preferencial e sujeito do carinho humano – e, devido a isso ocorrem na língua formações de *diminutiva puerilia* para designarem tudo o que tem a ver com o mundo da criança – objetos de dimensão idêntica a ela ou diminutivizados e revestidos dos seus afetos: vestuário, partes do corpo, alimentos, brinquedos, jogos, comportamentos, necessidades e até os títulos das histórias infantis. Ressalta, ainda, que o diminutivo de aproximação afetiva – pelo menos nas culturas ocidentais – é mais típico da linguagem feminina do que da masculina.

De acordo com o referido autor, dentro do domínio do diminutivo de avaliação positiva há os usos apreciativos, ou seja, através do diminutivo nomeia-se não só o que

proporciona prazer físico (canjinha, bolinho, cafezinho, cervejinha), mas também o que proporciona prazer estético, o que é belo (olhinhos, corpinho, rabinho), além de nomear o que é igualmente agradável a qualquer outro sentido (banhinho, quentinho, fofinho) (SILVA, 2006).

Ressalta Silva (2006) que, na base dos usos avaliativos positivos, afetivos e hedônicos, estão motivações obviamente experienciais e culturais. Eles relevam, na cultura ocidental, das metáforas conceptuais O QUE É PEQUENO É AMÁVEL; O QUE É PEQUENO É AGRADÁVEL; O QUE É PEQUENO É BONITO.

A pequenez, no entanto, está também associada a avaliações negativas: O QUE É PEQUENO É DE POUCO VALOR, NÃO PRESTA; O QUE É PEQUENO É UM DEFEITO; O QUE É PEQUENO É DESPREZÍVEL. Dessas metáforas conceptuais resultam os usos depreciativos ou pejorativos do diminutivo, (sujeitinho, gentinha, povinho), de afastamento mais afetivo, como manifestação de desprezo na designação de coisas de pouco valor ou de pouca importância (jardinzito, florzita, testezinho), da pequenez moral em formas de tratamento depreciativo (homenzinho, mulherzinha, tiozinho/mariquinhas, lindinho, lambidinho – comportamentos efeminados), expressões de indignação ((pobre) casinha, sapatinhos (rotos)); e até usos irônicos, jocosos e sarcásticos (Que engraçadinho/espertinho/piadinha/gracinha!).

Como podemos observar, o diminutivo acomoda emoções/sentimentos, sensações, enfim, sentidos contrários dentro da mesma categoria: o carinho e o desprezo, o ‘apreciativo’ e o ‘depreciativo’. Ressalta o autor que há casos em que a mesma formação pode ter as duas leituras: coisinha pode significar ‘(pequeno) objeto bonito, amável’ ou ‘objeto insignificante, de pouco valor (SILVA, 2006).

Os diminutivos avaliativos, podem ser usados como marca de aproximação, “Pese-me um quilinho / três quilinhos de maçãs!” “Volto em uma horinha”; uma estratégia do locutor, segundo Silva (2006), para evitar o valor exato ou mesmo se comprometer. Já em expressões como “só quero um bocadinho”, a aproximação faz-se explicitamente em relação a uma pequena quantidade. Já em “é um homenzinho/uma mulherzinha!”, a aproximação é qualitativa e por defeito: ‘quase’ um homem/uma mulher. Contudo, as formações como “Não é nada; é só um cortezinho(ito), foi só um acidentezinho-(ito)/toquezinho(ito)”, denotam menos aproximação, ou seja, é mais uma relativização do valor do referente: uma atenuação ou restrição da sua importância ou ‘menos valor do que o esperado/suposto’, e, assim, uma certa avaliação depreciativa. Observamos nessas formações a metáfora conceptual O QUE É PEQUENO É DE POUCA/MENOS IMPORTÂNCIA. Se o referente da base for negativo, isso vale como uma atenuação (menos ou mais) eufemística; porém se o referente for positivo, isso vale como uma restrição; uma avaliação menos positiva, ou seja, dizer que algo é “bonitinho” é considerá-lo (um pouco) menos do que bonito. A restrição também pode ser uma estratégia de modéstia, como em “Trouxe um presentinho para você!” Esse “presentinho” pode ser muito mais do que um pequeno ou insignificante presente.

Por vezes, quando o -inho se liga a advérbios ou a alguns adjetivos e participios igualmente graduáveis, o diminutivo não diminui mas aumenta, ou não atenua mas intensifica como acontece em “(ficar) pertinho, à beirinha”, “(falar) baixinho, agorinha (mesmo)”, “(copo) cheinho”, “(rua) estreitinha”, “(água) fresquinha”, “(dia) clarinho”, “vermelhinho” (SILVA, 2006, p. 230).

O autor salienta que essas formações, mesmo aquelas em que a sua função é especificamente intensificadora, guardam ainda restos de uso positivamente afetivo (simpatia, familiaridade, carinho) ou hedônico e/ou acumulam uma função discursivo-pragmática (SILVA, 2006). Noutros casos, o sentido afetivo/hedônico é claro ou até mais importante: “velhinho”, “obrigadinho!”, “água fresquinha”, “bife tenrinho/bem passadinho”, “letra redondinha”. E há ainda aqueles cujo sentido é mais enfático do que intensivo, como “passar o ano inteirinho a trabalhar”, “o primeirinho a chegar” ou é intensivo-pragmático, como “(ter com) juizinho!”, “cuidadinho!”, “(com) jeitinho!”. (SILVA, 2006, p. 230).

O -inho também pode ser usado como uma estratégia discursivo-pragmática, nesse caso ele não designa a pequenez do referente nem expressa uma avaliação emotiva, hedônica ou numa outra escala. Ele é usado como uma estratégia do locutor que, aproveitando esses sentidos, age sobre o alocutário de forma a aproximar-se deste e obter a sua adesão como em “Daí uma esmolinha ao ceguinho/pobrezinho”, “Olha a sardinha fresquinha/vivinha”, “Vou pedir-te um favorzinho”, “É só uma ajudinha!”.

Para finalizar, é importante mencionar que o referido autor também trata do diminutivo em formações com estatuto de itens lexicais independentes, individualmente adquiridas e dicionarizáveis, designando novas e específicas entidades, numa qualquer relação diminutiva ou não com a palavra-base. Entretanto, este estudo não abordará esse aspecto do diminutivo.

## A seletividade lexical das formações em -inho em *Vidas secas*

Trataremos agora da análise dos diminutivos em -inho em *Vidas secas*.<sup>1</sup>

**Quadro 1: Diminutivos que exprimem ternura**

Pobre do louro. Na beira do rio matara-o por necessidade, para sustento da família. Naquele momento ele estava zangado, fitava na cachorrinha as pupilas sérias e caminhava aos tombos, como os matutos em dias de festa. (p. 43)	1. cachorrinha
Não se conformando com semelhante indiferença depois da façanha do pai, o menino foi acordar Baleia, que preguiçava, a barriguinha vermelha descoberta, sem-vergonha. (p. 48)	2. barriguinha
... o pequeno ficou triste, espiando o céu cheio de nuvens brancas. Algumas eram carneirinhos, mas desmanchavam-se e tornavam-se bichos diferentes. (p. 50)	3. carneirinhos,
O tropel das cabras perdeu-se na ladeira, a cachorrinha ladrou longe. Como estariam as nuvens? Provavelmente algumas se transformavam em carneirinhos, outras eram como bichos desconhecidos. (p. 52)	4. cachorrinha 5. carneirinhos
Todos o abandonavam, a cadelinha era o único vivente que lhe mostrava simpatia. (p. 56)	6. cadelinha
Explicou isto à cachorrinha com abundância de gritos e gestos. (p. 60)	7. cachorrinha
Pensou nas figurinhas abandonadas junto ao barreiro. (p. 61)	8. figurinhas
A cadelinha chegou-se aos pulos, cheirou-o, lambeu-lhe as mãos e acomodou-se. (p. 61)	9. cadelinha
Abraçou a cachorrinha com uma violência que a descontentou. Não gostava de ser apertada... (p. 61)	10. cachorrinha
Os pequenos insistiram. Onde estaria a cachorrinha? Indiferentes à igreja, às lanternas de papel, aos bazares, às mesas de jogo e aos foguetes... (p. 83)	11. cachorrinha

Podemos observar que os diminutivos em destaque no Quadro 1 enquadram-se na primeira dimensão semântica, ou seja, são diminutivos em sentido estrito ou diminuidores, cujos sufixos -inho estão afixados em substantivos concretos, exprimindo o significado central do diminutivo “tamanho pequeno”. Em relação à conotação afetiva desses diminutivos, observamos que eles expressam uma avaliação positiva, exprimindo a ideia de ternura, carinho. É importante salientar também que esses diminutivos foram empregados, em sua maioria, em contextos que remetem ao mundo da criança, ou seja, são *diminutiva puerilia*, conforme Silva (2006). Convém ressaltar ainda que, em “1.cachorrinha”, o contexto se refere à Sinha Vitória e, nesse sentido, corrobora a afirmação de Silva que postula ser o diminutivo de aproximação afetiva mais típico da linguagem feminina. Esses diminutivos tornam saliente a metáfora conceptual O QUE É PEQUENO É AMÁVEL.

<sup>1</sup> Os excertos selecionados para análise foram retirados da seguinte edição da obra: RAMOS, G. *Vidas secas*. 54. ed. Rio de Janeiro, São Paulo: Record, 1985.

**Quadro 2. Diminutivos que exprimem compaixão**

Impossível abandonar o <u>anjinho</u> aos bichos do mato. (p. 10)	1. anjinho
[...] levantou-se, agarrou os <u>bracinhos</u> que lhe caíam sobre o peito, moles, finos como cambitos. (p. 10)	2. bracinhos
[...] importavam com as pernas dos transeuntes. <u>Coitadinha</u> , andava por aí perdida aguentando pontapés. (p. 83)	3. coitadinha
Suspirou. <u>Coitadinha</u> da Baleia. (p. 86)	4. coitadinha
Uma noite de inverno, gelada e nevoenta, cercava a <u>criaturinha</u> . (p. 90)	5. criaturinha
Baleia encostava a <u>cabecinha</u> fatigada na pedra. (p. 91)	6. cabecinha
<u>Coitadinha</u> da cadela. Matara-a forçado, por causa da moléstia. (p. 114)	7. coitadinha
Junto à raiz de um deles a <u>pobrezinha</u> gostava de espojar-se, cobrir-se de garranchos e folhas secas. (p.114)	8. pobrezinha
<u>Coitadinha</u> , magra, dura, inteiriçada, os olhos arrancados pelos urubus. (p. 114)	9. coitadinha

Podemos observar, no Quadro 2, que os diminutivos “1.anjinho, 2.bracinhos, 5. criaturinha, 6. cabecinha” – enquadram-se na primeira dimensão semântica, ou seja, são diminutivos em sentido estrito ou diminuidores. Já os diminutivos em “3. coitadinha, 4. coitadinha, 7. coitadinha, 8. pobrezinha, 9. Coitadinha”, enquadram-se na segunda dimensão, ou seja, no sentido figurado de pequeno. Nessa perspectiva, a aplicação metafórica conduz ao sentido de ‘mais intensidade’, ao caracterizar/referir-se ao ser. Em relação à conotação afetiva desses diminutivos, observamos que eles expressam uma avaliação positiva, exprimindo a ideia de compaixão, ou seja, há uma participação espiritual na infelicidade alheia (menino mais velho → 1.anjinho, 2.bracinhos); (Baleia → 5. criaturinha, 6. cabecinha, 3. coitadinha, 4. coitadinha, 7. coitadinha, 8. pobrezinha, 9. coitadinha). O “sofredor” desperta no outro – (Fabiano → 1. anjinho, 2. bracinhos, 7. coitadinha, 8. pobrezinha, 9. coitadinha); (crianças → 3.coitadinha); (narrador → 5.criaturinha, 6.cabecinha) – um impulso altruísta de ternura para com ele, o sofredor. Nesse sentido, podemos observar que as metáforas conceptuais são O QUE É PEQUENO É AMÁVEL; O QUE É PEQUENO É DIGNO DE COMPAIXÃO.

### Quadro 3. Diminutivos que exprimem empatia

Baleia despertou, retirou-se prudentemente, receosa de sapecar o pelo, e ficou observando maravilhada as <u>estrelinhas</u> vermelhas que se apagavam antes de tocar o chão. (p. 39)	1. estrelinhas
A porteira abriu-se, um fartum espalhou-se pelos arredores, os chocalhos soaram, a <u>camisinha</u> de algodão atravessou o pátio, contornou as pedras onde se atiravam cobras mortas ... (p. 50)	2. camisinha
A lua tinha aparecido, engrossava, acompanhada por uma <u>estrelinha</u> quase invisível. (p. 52)	3. estrelinha

Podemos observar que os diminutivos em destaque no Quadro 3 também se enquadram na primeira dimensão semântica, ou seja, são diminutivos em sentido estrito ou diminuidores, cujos sufixos -inho estão afixados em substantivos concretos, exprimindo o significado central do diminutivo “tamanho pequeno”. Em relação à conotação afetiva desses diminutivos, observamos que eles expressam uma avaliação positiva, exprimindo a ideia de empatia/simpatia. Depreendemos desses diminutivos a metáfora conceptual O PEQUENO É AGRADÁVEL.

### Quadro 4. Diminutivos que exprimem intensidade

Quando a desgraça chegar, seu Tomás se estrepa, <u>igualzinho</u> aos outros. (p. 22)	1. igualzinho
Se lhe tivessem dado tempo, ele teria explicado tudo <u>direitinho</u> . (p. 33)	2. direitinho
Rezou <u>baixinho</u> uma ave-maria, já tranquila, a atenção desviada para um buraco que havia na cerca do chiqueiro das cabras. (p. 41)	3. baixinho
Repreendeu-os: - <u>Safadinhos!</u> porcos! sujos como... (p. 44)	4. safadinho
.. Ficou ali estatelado, <u>quietinho</u> , um zunzum nos ouvidos, percebendo vagamente que escapara sem honra da aventura. (p. 51)	5. quietinho
Debaixo dos couros, Fabiano andava banzeiro, pesado, <u>direitinho</u> um urubu. (p. 51)	6. direitinho
O pequeno sentou-se, acomodou nas pernas a cabeça da cachorra, pôs-se a contar-lhe <u>baixinho</u> uma história. (p.55)	7. baixinho
Comunicaram <u>baixinho</u> um ao outro as surpresas que os enchiam. (p. 83)	8. baixinho
Na luta que travou para segurar de novo o filho rebelde, zangou-se de verdade. <u>Safadinho</u> . (p. 86)	9. safadinho
Realmente não latia: uivava <u>baixinho</u> , e os uivos iam diminuindo, tornavam-se quase imperceptíveis. (p. 88)	10. baixinho

De acordo como os significados centrais do diminutivo, as formações em -inho no Quadro 4 – 3. baixinho, 5. quietinho, 7. baixinho, 8. baixinho, 10. baixinho – enquadram-se na primeira dimensão semântica, são diminutivos explicativos, ou seja, designam o mesmo ‘pequeno’ referente que o da base. Nesse sentido, o sufixo comporta-se como um elemento tautológico. Porém, em 1. igualzinho, 2. direitinho, 4. safadinhos, 6. direitinho, 9. Safadinho, o diminutivo pertence à segunda dimensão, ou seja, está empregado

no sentido figurado de ‘pequeno’, que, numa aplicação metafórica, conduz o sentido de ‘muita intensidade/fraca intensidade’, conforme podemos verificar, mais abaixo, em relação à conotação afetiva.

Observamos, quanto à conotação afetiva desses diminutivos, que todos eles são intensificadores, isto é, “1. igualzinho” vale como uma igualdade completa e não mais ou menos igual, “2. direitinho” é muito mais do que direito; assim como “baixinho e quietinho” são muito menos do que “baixo” e “quieto”, respectivamente, ou seja, a intensidade é muito fraca. Já em “safadinho”, o diminutivo expressa a ideia de muito “safado”; contudo, como o enunciador é feminino, o sufixo marca uma certa proximidade afetiva. Esses diminutivos tornam salientes as metáforas conceptuais – O QUE É PEQUENO É MAIS, conforme a seletividade lexical “igualzinho, direitinho, safadinho” – O QUE É PEQUENO PODE SER AINDA MENOR, conforme as formações em “baixinho, quietinho”.

**Quadro 5. Diminutivos que exprimem pouco valor**

Entregou a espingarda a Sinhá Vitória, pôs o filho no cangote, Encontrando resistência, penetrou num <u>cercadinho</u> cheio de plantas mortas... (p. 12)	1. cercadinho
Voltou, circulou a casa atravessando o <u>cercadinho</u> do oitão, entrou na cozinha. (p. 41)	2. cercadinho
Tomou a cuia grande, encaminhou-se ao barreiro, encheu de água o caco das galinhas, endireitou o poleiro. Em seguida foi ao <u>quintalzinho</u> ... (p. 43)	3. quintalzinho
E Baleia fugiu precipitada, rodeou o barreiro, entrou no <u>quintalzinho</u> da esquerda... (p. 87)	4. quintalzinho

Podemos observar que os diminutivos, em destaque no Quadro 5, enquadram-se na primeira dimensão semântica, exprimindo o significado central do diminutivo “tamanho pequeno”. Quanto à conotação afetiva desses diminutivos, observamos que eles expressam uma avaliação negativa, ou seja, o sufixo -inho nessas formações sugere afastamento afetivo, expressando a ideia de coisa de pouco valor ou de pouca importância. Nesse caso a metáfora conceptual é O QUE É PEQUENO É DE POUCO VALOR.

**Quadro 6. Diminutivos que exprimem indignação**

<u>Miudinhos</u> , perdidos no deserto queimado, os fugitivos agarraram-se, somaram as suas desgraças e os seus pavores. (p. 13)	1. miudinhos
Tentou recordar o seu tempo de infância, viu-se miúdo, enfezado, a <u>camisinha</u> encardida e rota acompanhando o pai no serviço do campo, interrogando-o de balde. (p. 20)	2. camisinha
Os meninos estreavam calça e paletó. Em casa sempre usavam <u>camisinhas</u> de riscado ou andavam nus. (p. 71)	3. camisinhas
Os meninos puseram as <u>chinelinhas</u> debaixo do braço e sentiram-se à vontade. (p. 72)	4. chinelinhas

Podemos observar que os diminutivos 2.camisinha, 3.camisinhas, 4. chinelinhas, no Quadro 6, também pertencem à primeira dimensão semântica. Apesar de a formação “1. miudinhos” também se enquadrar na primeira dimensão semântica, o diminutivo é

explicativo, uma vez que designa o mesmo ‘pequeno’ referente que o da base. Nesse caso, o sufixo comporta-se como um elemento tautológico, conforme já mencionado acima. Quanto à conotação afetiva desses diminutivos, observamos que eles expressam uma avaliação negativa, ou seja, o sufixo -inho, nessas formações, sugere afastamento afetivo, expressando a ideia de indigência, miserabilidade. Nesse caso as metáforas conceptuais são O QUE É PEQUENO É DE POUCO VALOR; O QUE É PEQUENO NÃO PRESTA.

**Quadro 7. Diminutivos que exprimem desprezo**

O soldado, <u>magrinho</u> , <u>enfezadinho</u> , tremia. (p. 100)	1. magrinho 2. enfezadinho (raqúitico)
--	---

As formações “1. magrinho, 2. enfezadinho” se enquadram na primeira dimensão semântica e o diminutivo é explicativo, uma vez que designa o mesmo ‘pequeno’ referente que o da base. Podemos observar, quanto à conotação afetiva desses diminutivos, que eles expressam uma avaliação negativa, depreciativa, ou seja, o sufixo -inho, nessas formações, sugere afastamento afetivo, expressando a ideia de pequenez moral, de insignificância. Nesse caso as metáforas conceptuais são O QUE É PEQUENO É DE POUCO VALOR; O QUE É PEQUENO NÃO PRESTA; O QUE É PEQUENO É DESPREZÍVEL.

### Considerações finais

A partir do apresentado, podemos constatar que a seletividade lexical das formações dos diminutivos em -inho, além exprimir, na primeira dimensão semântica, o sentido estrito de diminuição ou de explicação, releva na segunda dimensão – sentido conotativo – as metáforas conceptuais O QUE É PEQUENO É AMÁVEL; O QUE É PEQUENO É DIGNO DE COMPAIXÃO; O QUE É PEQUENO É AGRADÁVEL; O QUE É PEQUENO É MAIS; O QUE É PEQUENO PODE SER AINDA MENOR; O QUE É PEQUENO É DE POUCO VALOR; O QUE É PEQUENO NÃO PRESTA; O QUE É PEQUENO É DESPREZÍVEL. Essas metáforas são ideológico-culturais, pois não só expressam a cultura de um povo, mas também sua visão de mundo.

Constatamos, ainda, que, apesar de Melo (2005) afirmar ser a obra *Vidas secas* o retrato da obsessão do escritor Graciliano Ramos com a exatidão e a concisão da linguagem, a escolha do léxico das formações em -inho aponta diversos traços de avaliação afetiva, predominando, dentre eles, a manifestação positiva de carinho, ternura, compaixão. Essa manifestação positiva não se encontra somente no contexto referente à *diminutiva puerilia*, mas também em contextos que se referem às personagens adultas – Sinha Vitória, Fabiano – e até mesmo na “voz” do narrador.

É importante ressaltar também que, apesar das condições agressivas do meio, da subcondição de vida das personagens – que vivem num mundo mais de sensações e reações instintivas –, elas não perderam um dos maiores traços de humanização que é a ternura, a compaixão, que, segundo Houaiss (2002), é o “sentimento piedoso de simpatia para com a tragédia pessoal de outrem, acompanhado do desejo de minorá-la; participação espiritual na infelicidade alheia que suscita um impulso altruísta de ternura para com o sofredor” (HOUISS, 2002, DICIONÁRIO ELETRÔNICO:CD-ROM).

## REFERÊNCIAS

HOUAISS, I. A. *Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa 1.0.5a*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2002. CD-ROM.

LAPA, R. M. *Estilística da Língua Portuguesa*. 7. ed. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1973. 220 p.

MARTINS, N. S. *Introdução à estilística*. São Paulo: T.A. Queiroz, 1989. 227 p.

MELO, A. A. M. C. A crítica social e a escrita em *Vidas Secas*. *Estud. Soc. Agric.*, Rio de Janeiro, v. 13, n. 370 2, p. 369-398, 2005. Acesso em: 15 maio 2012.

RAMOS, G. *Vidas secas*. 54. ed. Rio de Janeiro, São Paulo: Record, 1985. 155 p.

SILVA, A. S. da *O mundo dos sentidos em português*. Polissemia, semântica e cognição. Coimbra: Almedina, 2006. 392 p.